



MARIA DE NAZARÉ: UMA VIDA SEGUNDO O ESPÍRITO

Carlos Roberto de Oliveira CHARLES^P

RESUMO

O presente artigo pretende relacionar a figura de Maria de Nazaré com o Espírito Santo, demonstrando uma vida de santidade conformada a este mesmo Espírito que se manifesta e age em sua vida como o sopro de Deus e a conduz no seguimento salvífico de seu próprio Filho ao longo do arco de sua existência pneumatofora.

Palavras-chave: Maria. Espírito Santo. Vida. Seguimento. Serviço.

1 INTRODUÇÃO

Maria, primeira discípula fiel de seu Filho Jesus, é aquela que foi coberta pela sombra do Espírito Santo: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus” (Lc 1,35). Ao falar de Maria de Nazaré não pretendemos focalizar sua etapa terrestre, histórica, da mulher que possivelmente nascera em Jerusalém e viveu em Nazaré, salientando seu cotidiano, sua fé, sua religiosidade, sua visão de mundo e de Deus. O objetivo é relacionar esta mulher simples, cuja identidade ficou plasmada com o nome da cidade onde se fizera humana com a força maior e misteriosa (que é Deus em seu Espírito), que mudou sua vida, sem necessariamente ter afetado suas condições humanas, sociais, psicológicas e também religiosas. Para isso, articularemos Maria e o Espírito Santo, destacando como ela conformou sua vida segundo este mesmo Espírito no arco de sua existência, no desígnio de Deus e na

^P Doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professor de Teologia Sistemática no Curso de Teologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

comunhão dos santos, seja no início da vida pública de Jesus seja em seu final, aos pés da cruz, segundo a reflexão teológica.

2 A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO EM MARIA

Segundo Coyle (2015), na apresentação de seu livro “Maria tão plena de Deus e tão nossa”, a historiografia de Maria de Nazaré¹ é nula e, nos documentos de fé é rara, breve e frustrante para quem procura dados históricos, ou para quem procura fundamentação teológica.

Paulo nem sequer menciona seu nome. Lucas e Mateus a mencionam, nas narrativas da infância, que não são relatos históricos propriamente ditos do princípio da vida de Jesus. O quarto Evangelho dá-lhe proeminência, embora este constitua mais uma reflexão teológica que uma narrativa histórica. O contraste entre a pouca prova bíblica a seu respeito e o interesse persistente nela depois de dois mil anos é notável. Dessa escassa prova bíblica, surgiu uma história complexa e, às vezes, extravagante de devoção mariana na Igreja. Porém, como o culto mariano cresceu através dos séculos? Maria tornou-se presença universal e símbolo versátil, seu culto acalenta a imaginação religiosa popular dos cristãos, que a invocam constantemente para cumprir os aspectos sempre variáveis do discipulado cristão. Maria é mulher de misterioso poder, que continua importante através dos tempos, quando as próprias mulheres continuam sem ou com pouco poder (COYLE, 2015).

De Maria de Nazaré à Nossa Senhora, do Novo Testamento à Tradição da Igreja, relacionar Maria ao Espírito Santo é buscar entender a ação de Deus nesta figura histórica, feminina, pobre, judia, cuja missão pneumatificada era tornar-se o canal, o instrumento, a porta de entrada do Verbo de Deus na história humana. Mas quem é este Espírito Santo? Como compreendê-lo e traduzi-lo a partir da vida simples, dialogal e religiosa de Maria de Nazaré?

No tempo de Jesus e na época anterior, o nome “Espírito Santo”, ou “Espírito de Deus” é muitas vezes utilizado pelos apocalípticos, por *Filon* e pelos sectários de *Qumrã*. Nessas literaturas a ação essencial do *Pneuma Divino* é a inspiração das

¹ O nome “Maria” consta diversas vezes, tanto no início da história de Israel (de fato, é o nome da irmã de Moisés), quanto nos Evangelhos (Maria é o nome da irmã de Lázaro e da mãe de João, Tiago, os filhos de Zebedeu). No que diz respeito ao significado, os especialistas dizem que a etimologia é incerta. Ver os diversos significados, conforme: (DEL GAUDIO, 2016, p. 85-88).

Escrituras, tomando posse do profeta, do tradutor ou do intérprete para enchê-lo da Palavra de Deus para que fosse escrita. Assim, o Espírito é sempre ligado à Palavra, e dela seu veículo, sopro divino que porta a Palavra de Deus, destinada à humanidade. Nesse sentido, sua intervenção é simultaneamente santificadora e física, materializando a Palavra Divina numa letra humana (MOINGT, 2008).

Ainda segundo Moingt (2008), essas representações do “sopro divino” que inspira e toma o escritor sagrado para comunicar a Palavra que vem de Deus, inspiram também os evangelistas, sobretudo Lucas, em quem são abundantes as cenas de “entusiasmo”. O sopro divino deposita a Palavra, a ordem de Deus no seio de Maria, enchendo-a, fecundando-a e a torna mãe de um filho.

De inspirador e intérprete do *Dabar* divino, o Espírito aparece na história da salvação como Aquele que revela a presença e ação de Deus. Deus que se revelou a um povo em sua história, oferecendo-lhe uma relação dialogal dentro de um processo de libertação, que na plenitude dos tempos revela-se novamente e de maneira definitiva, agora não mais ao povo de Israel, mas a uma mulher da Galileia. Esta mulher é Maria de Nazaré.

O Espírito Santo é a Pessoa Divina que nos foi ‘dada’ de uma maneira toda especial, pois é o dom de Deus por excelência e é assim também chamado. Na Trindade é o amor um de seus nomes próprios. O Espírito Santo personifica o amor naquilo que tem de mais desinteressado, de mais generoso e de mais entregado, como aquele das mães (CONGAR, 1979).

Para Medeiros (2004), a ação do Espírito Santo em Maria se dá em três parâmetros teológicos: Maria é criatura nova plasmada pelo Espírito Santo; Maria é cheia de graça; Maria é esposa do Espírito Santo. A culminância desta ação do Espírito Santo ocorreu, segundo Boff (2013), quando Ele irrompeu na vida de uma simples e piedosa mulher do povo, de nome Maria. Ela se tornou *pneumatófora*, pois foi pneumatificada pelo Espírito Santo.

Nos textos do evangelho da infância de São Lucas, há uma dupla perspectiva da apresentação do Espírito Santo. De um lado, há uma continuidade com a atuação veterotestamentária do Espírito, em sua missão profética, como no caso de Isabel, Zacarias, João e Simeão, em que o espírito profético do Antigo Testamento levou até o final da linha da antiga aliança. Por outro lado, aparece a ação do Espírito Santo em sua ação criadora e que, através de Maria, faz surgir a realidade da nova e definitiva aliança em Cristo Jesus (PIKAZA, 1987).

3 VIVER SEGUNDO O ESPÍRITO

A vida segundo o Espírito só pode ser entendida a partir de uma experiência transformadora do e no Espírito de Deus. O Espírito se manifesta, se aproxima e é acolhido na subjetividade e concretude daquela e daquele de quem Ele se aproxima. Assim, o Espírito se manifesta e age, sempre na sinergia de chamado-reposta, despertando vida nova, a palavra sufocada, a liberdade, o amor e a comunhão. Viver, segundo o Espírito, é abrir-se à novidade do Evangelho, restabelecendo novas relações com Deus, consigo mesmo, com o outro e com a criação na sua totalidade. É aceitar a Palavra trazida pelo Espírito que liberta nossa palavra humana, que saindo do coração e da consciência do ser humano deve gerar anúncio de alegria e denúncia de injustiças. É, ainda, sentir-se livre na liberdade para a qual fomos libertos em Cristo, gestando libertação em todas as dimensões humanas. Enfim, viver, segundo o Espírito, é deixar-se voltar à fonte, ao Amor que é Deus que se expressa *ad intra* e *ad extra* de si mesmo como relação de amor, ou seja, de comunhão.

As manifestações do Espírito Santo na vida de Maria são apresentadas, segundo Boff (2007), em dois níveis: das formas e dos conteúdos teológicos. No primeiro, Maria vive segundo o Espírito pela prática feminina da Palavra no interior de uma comunidade pequena, empobrecida, mas de cunho patriarcal, o que espelha na atualidade grupos rurais de mulheres, que despertadas pelo Espírito buscam falar de seus direitos e denunciar sistemas agressivos à vida e à comunidade, sobretudo onde a vida manifesta maior vulnerabilidade. Maria, tornou-se símbolo da consciência feminina de sua fecundidade humana e espiritual vivida na exclusão, mas capaz de gerar filhos e filhas que sirvam ao povo excluído, esquecido e abandonado. Maria é sensível e aberta ao Espírito, colocando-se a serviço dos necessitados na solicitude e na ação concreta de colaborar para o crescimento dos outros, ajudando-os em suas necessidades.

No segundo, as formulações teológicas mais significativas serão: o sim, que trouxe coisas novas; a maternidade; a inspiração pneumática e o gênero feminino. O novo trazido por Maria, no seu *Fiat*, é o Salvador Jesus. Salvador gerado pela sua maternidade com a ajuda do mesmo Espírito do Senhor, deixando que este Espírito descesse nela para auscultar suas palavras. Maria sentiu-se impulsionada pelo

Espírito, sendo reconhecida em sua feminilidade a imagem do povo fiel, como a morada de Deus e a manifestação máxima do mistério da encarnação (LINA, 2007).

A atuação do Espírito em Maria se confunde com o modo que ela tem de se relacionar com seu povo, enquanto pessoa gerada por Deus Pai e geradora de um Deus que se revela materno nos seus gestos, na sua relação divina com a raça humana e na sua expressão concreta em Jesus Cristo doador deste mesmo Espírito. Maria é a mulher pneumatológica por precedência, pois se abre ao Espírito para gerar a nova vida trazida por Jesus, que é o Filho pneumático, pois “Ele não só recebe o Espírito do Pai, mas pode dá-lo a quem Ele quiser” (BOFF, 2007, p. 60).

Boff (2007) ainda salienta ser através do Espírito que Maria dá a Deus o seu modo feminino para que os traços do feminino de Deus sejam encontrados nas muitas “Marias” da vida cotidiana. Nesta, sua missão de participar do plano salvífico do Pai, Maria como *pneumatófora*, assume comportamentos que encontramos seja na mulher de fé e geradora de vida, seja no homem comprometido com os processos históricos capazes de gerar vida para todos.

Maria é a mulher que experimenta e acolhe o Espírito e se deixa por Ele cristificar, vivendo e se conformando com Ele na geração da vida, e vida nova em Cristo, despertando sua palavra profética no *Magnificat*, sempre na liberdade corajosa de assumir um projeto complexo e perigoso de libertação através da concepção misteriosa, inefável e de uma maternidade singular. Vive Maria segundo o Espírito, sendo instrumento de ação pneumática para suscitar comunhão em torno do amor que irmana e inclui na unidade toda diversidade. Maria vive segundo o Espírito porque reza com a Igreja e pela a Igreja, para que seja sempre aberta ao frescor e à surpresa de Deus na manifestação de seu Espírito.

4 MARIA FAZ EXPERIÊNCIA DO ESPÍRITO NO ARCO DE SUA EXISTÊNCIA

A presença do Espírito em Maria foi tão íntima e densa, que Ele revelou aquilo que é e sempre mostrou na criação: é o *Spiritus Creator*, o Espírito Criador e Gerador, aquele que do caos originário tirou todas as ordens e penetrou todos os movimentos criativos da evolução ascendente (BOFF, 2013).

Assim, conhecer Maria de Nazaré significa:

Entrar no mistério de uma mulher que Deus colocou no centro da história da salvação, como Mãe do Verbo encarnado, e, por esse

dom, tornou-se Mãe da Igreja e da humanidade redimida por seu Filho. Significa, portanto, conhecer as raízes da nossa fé, entrando em sintonia com aquela que foi chamada para ser Mãe de Deus e Mãe da humanidade, a criatura mais próxima às pessoas da Trindade (FORTE, 2005, p. 103).

O Espírito que agraciou Maria com sua existência, cobrindo-a com sua sombra, manifestou-se primeiramente por uma *teofania*, de configuração angélica, da anunciação de seu projeto salvífico: a encarnação do Verbo. Ela fora a escolhida e revisitada pelo Espírito de Deus para a hominização do Verbo Eterno na pessoa de seu filho, Jesus de Nazaré. E, por fim, sempre como novo começo, na plenitude de sua manifestação, em Pentecostes, quando pelo seu derramamento, Maria é conduzida pelo mesmo Espírito para a consciência de sua missão relacionada à missão divina de seu primogênito.

Para os exegetas, é patente a existência de um verdadeiro paralelismo entre o relato da Anunciação e a vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes, entre o nascimento do Messias e o nascimento da Igreja e, em ambos os acontecimentos, a existência de uma participação ativa e pessoal de Maria. Vimos a semelhança terminológica e conceitual entre Lc 1,35 e At 1,8, em que se menciona o Espírito Santo, o *pneuma hagion* e a *dynamis divina*, e, em ambos os casos, a ação do Espírito Santo produz algo novo e transcendente: em Lc 1,35 se mostra a vinda do Messias, e em At 1,8 se anuncia o nascimento da Igreja, o novo povo de Deus. Maria ocupa um lugar primordial nessa Igreja nascente: “todos (...), unânimes, perseveravam na oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus” (At 1,14) (ELEIZALDE, 2010, p. 35).

Na menção de “Maria, a mãe de Jesus” (At 1,14), o que chama atenção é que Lucas deixa bem claro que se trata da “mãe de Jesus”, com toda a significação que esse título supõe, isto é, não somente mãe no sentido biológico, mas que inclui o sentido transcendente, expressado em Lc 8,21: “minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática”. Nessa perspectiva, Maria é um elemento singular e preeminente da Igreja. Ela é o paradigma de todo discípulo, modelo do crente e exemplo de vida orante. Ela testemunha o nascimento humano de Jesus, o caminho de sua infância. Jesus não poderia ser recebido na Igreja como plenamente humano, se faltasse o testemunho vivo de uma mãe que o engendrou e o educou (BOFF, 2003).

Neste sentido, no interior da Igreja, lemos que:

Maria é uma parte de Jesus, sinal de unidade, permanecendo no centro dos grupos, um pouco acima dos apóstolos, mulheres e parentes de Jesus. Maria aparece dentro da Igreja, que nasce em Pentecostes, como membro eminente e como sinal de união e da presença do Senhor Ressuscitado (ELEIZALDE, 2010, p. 37).

Segundo Guardini (apud BALTHASAR, 2016, p. 23), algo definitivamente grandioso deve ter acontecido quando, pela luz do Espírito, tudo ficou claro para Maria, que “conservava tudo no seu coração”: a coesão da existência de Jesus estava revelada. Ao longo dos anos da vida pública de Jesus, ela teve de manter a confiança, em uma fé heroica: agora ela recebeu a fulgurante resposta, que resolve todas as questões.

O que é singular, em relação a Maria, é que o Espírito de Pentecostes, no fundo, não faz nada além de mostrar-lhe o conteúdo de sua própria experiência, do modo como sua memória a conservava (BALTHASAR, 2016).

O caminho da peregrinação da fé de Maria encontrou, em Pentecostes, seu cume de disponibilidade ao Espírito de Deus. Na Igreja nascente, Maria é a predileta do Paráclito, um membro paradigmático, sinal do cumprimento das promessas veterotestamentárias. Em Maria, o povo de Israel, representado por ela, se converteu em princípio da Igreja e, mediante o Espírito, Maria se encontra vinculada não somente ao Filho, mas também ao seu Corpo Místico, ou seja, à comunidade eclesial (PIKAZA, 1990).

Entre a Anunciação e Pentecostes, Maria se conforma ao Espírito, como nos narra o Novo Testamento, expressando em sua vida aquilo que o Espírito manifesta: amor, serviço e contemplação, tudo articulado com outra ação do Espírito, a de geração, que no caso de Maria se entende como maternidade.

Maternidade colocada também a serviço nos menores e mais concretos gestos: a visitação a sua parenta. O Espírito acompanha Maria no longo processo de maturação de sua consciência de ser mãe do Messias, seja no nascimento e na apresentação de seu filho, em sua educação, em sua instrução religiosa, em sua convivência materno-filial com ele no seio familiar, nas festas, como em Caná, como também nas peregrinações de fé a Jerusalém, lugar apontado pelo texto neotestamentário como experiência de desencontro e reencontro entre Mãe e filho.

Destacamos aqui, a força suave do Espírito que age em Maria e para além dela nos conduz ao interior da cena para que possamos perceber que distante do

Espírito, que não é o caso de Maria, corremos o risco, seja por distração ou falta de foco, ou de seguimento, perder o Cristo e perder a Cristo, ou seja, sua centralidade e seu convite salvífico para o Reino. Nela, Maria, por sua preocupação materno-instintiva, resgatar em nós o instinto espiritual, de na perda e no desencontro, buscar, ainda mais, o encontro com Cristo, sobretudo, pelo qual se revela e manifesta: “fazendo a vontade do Pai” na propagação de seu Reino.

5 MARIA NO DESÍGNIO DE DEUS E NA COMUNHÃO DOS SANTOS

Por ter aceito o projeto salvífico do Pai, Maria hoje é cultuada de modo especial como Mãe e sobre este título encontra-se a maioria das experiências marianas populares, pelas quais Maria de Nazaré se torna ternamente mãe dos peregrinos, patrona, mulher da solidariedade e consoladora dos aflitos.

A teologia tem refletido ao longo dos séculos sobre o papel, o lugar, a cooperação de Maria com e no plano salvífico de Deus. Por isso, ainda nos perguntamos: na evolução cultual de Maria de Nazaré para o devocionismo mariano, através do qual ela é Senhora venerada, exemplo e modelo de virtudes, próxima, na solidariedade e na oração, como entender sua figura e missão nos desígnios de Deus? Buscaremos nas Escrituras o ponto de partida para esta compreensão.

A fundamentação escriturística, situando Maria, primeiramente, no desígnio de Deus e depois, na comunhão dos santos, pressupondo os três artigos de fé, pelos quais Maria, diante do mistério trinitário é afirmada como criatura, mãe e membro da Igreja.

Em relação ao Pai Criador, ela é criatura. Portanto, mulher pertencente ao um povo, a uma cultura e a um tempo específico. É também um personagem bíblico diferente de outros do AT: é comum, numa localidade comum, sem nenhum atributo especial ou ocupação funcional em relação à religião.

Em relação ao Filho Redentor ela é Mãe. Aqui aparece o elemento extraordinário: ela é Mãe através de uma concepção milagrosa, virginal. Torna-se Mãe e esposa, compondo a estrutura familiar na qual deveria nascer, crescer e amadurecer o Cristo de Deus. Também em relação ao Filho, Maria é discípula, seguidora de seus ensinamentos, sobretudo a partir de sua cruz-morte-ressurreição e exaltação, no derramamento do Espírito.

Em relação ao Espírito Santo ela é Igreja. Maria está na comunhão dos santos, cuja relação com a etapa peregrina se manifesta primordialmente na liturgia em favor da santidade dos membros unidos a Cristo.

A maternidade de Maria é o tema pelo qual ela aparece presente e atuante nas páginas do Novo Testamento. Nos sinóticos, Maria está presente em todo o evangelho da infância: anunciação, visitação, natividade, consagração do menino e a perda no templo. Fora essas passagens, Maria ocupará um papel figurativo como que um aceno: “Não é este o Filho de Maria?”; “não são estes sua mãe e seus irmãos?”

Para São João, o primeiro sinal e o momento da cruz serão compostos com a presença e a participação de Maria, no seu papel de mãe. Nada mais é dito de Maria, também porque não é este o interesse central do *kerigma*, mas antes, confessar Jesus, o ressuscitado, como Senhor. Talvez por isso, nem mesmo os escritos mais antigos do NT, as cartas paulinas, acenam para a presença e o papel de Maria na fé da Igreja.

Neste sentido, o primeiro milênio será marcado pela gradativa progressão do pensamento teológico sobre Maria. De saída, nas eras apostólica e pós-apostólica, Maria está mais ausente que nas Escrituras e, pouco a pouco, aparecerá sempre na dependência das afirmações cristológicas de fé. A maternidade divina, a concepção virginal e a vida sem máculas serão atributos inerentes a Maria por mérito de Cristo e sua obra redentora. Isso, não sem acalorados debates e controvérsias.

No segundo milênio, Maria concentra a dualidade terrestre/celeste sustentada tanto pela teologia quanto pela piedade desenvolvidas pelas confissões de fé das duas naturezas de Cristo, demarcando, já no início do segundo milênio, Oriente e Ocidente. Demarcação iniciada no Ocidente através da supervalorização da imagem de Maria, ameaçando desviar a fé em Cristo.

É justamente neste período histórico que o debate marial recebe contornos bem definidos com as questões: ela nasceu ou não sem pecado? Qual sua sorte final e como aconteceu sua entrada na realidade celeste? Ela exerce favor ou não aos crentes?

Longe de solucionar o impasse, essas reflexões passaram pelo período histórico dos reformadores protestantes e católicos, alargando mais as fronteiras da divisão no Ocidente. Para demarcar, cada vez mais a catolicidade, os católicos investem excessivamente na valorização de Maria, correndo o risco de a desvincular

do Cristo, atribuindo-lhe papel e lugar que ela não poderia ter. Por sua vez, como contra-ataque, mesmo tendo Maria um lugar relativamente importante, determinado pelo contexto da época, os protestantes se afastam, cada vez mais de Maria e de sua reflexão, acusando a parte católica de idolatria.

Controvérsias à parte, chegando-se ao final do segundo milênio, católicos, ortodoxos e protestantes estão de acordo em afirmar que Maria é Mãe de Deus, toda santa, que concebeu virginalmente pelo poder do Espírito Santo. Afirmações antigas da fé que estão em conexão com mistério da Encarnação do Verbo eterno de Deus e também filho de Maria.

Maria, no desígnio de Deus e na comunhão dos santos, está no coração de Deus, no coração da Igreja como desejo e proposta de Deus à santidade, à reconciliação e à plena comunhão e, por isso, devemos, católicos e protestantes, evitar que a reflexão sobre ela continue sendo um assunto fechado, um verdadeiro tabu. Desta forma, ilumina-se melhor a vida e santidade de Maria, purificando e desmitificando conceitos que levam a uma pastoral combativa e excludente, dentro e fora do catolicismo, dentro e fora do protestantismo (GRUPO DE DOMBES, 2005).

6 ACOLHER E VIVER SEGUNDO O ESPÍRITO: BODAS DE CANÁ E PRESENÇA JUNTO À CRUZ

A mulher, segundo o Espírito, participando com Jesus e seus discípulos das Bodas de Caná é impelida pela caridade aos noivos a tomar a iniciativa de recorrer ao seu filho, sempre na confiança, de que Ele, sendo Deus, poderá intervir. Por um lado, suas palavras exprimem compaixão e cuidado e por outro, confiança e confiança com Jesus. Sua intervenção não se exaure com a intercessão para o milagre (DEL GAUDIO, 2016). Maria, dirigindo-se aos servos, diz “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5). É um convite da mulher *pneumatófora* a crer em Cristo, seu Filho, a confiar nele porque somente Ele pode indicar o caminho para a salvação e intervir segundo o bem maior.

Com estas palavras, Maria torna-se mestra de fé. Ela nos ensina o segredo do crescimento interior no ato de colocar em prática essa simples exortação. Maria a experimentou em sua vida e, naquele momento, com segurança, nos ensina: é o segredo da confiança que nasce da intimidade de uma relação intensa com Ele, no Espírito (DEL GAUDIO, 2016).

Para São João, Maria é uma mulher concreta, mas ela é principalmente o sinal da história israelita. Diante da falta de vinho no casamento, a mãe de Jesus observa: “eles não têm mais vinho” (Jo 1,3) e, a partir dessa fala de Maria, a história das bodas vai se desenrolar em Caná. A palavra de Maria deve ser entendida no contexto da história de Israel, que é o povo da expectativa e da esperança, o povo que invoca Deus e diz: na festa deste mundo falta o vinho que é o reino. A resposta de Jesus parece ser evasiva: “Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou” (Jo 2,4). Agora, tudo vai depender de como Maria vai reagir. O Evangelista sabe que grande parte dos israelitas havia respondido a Jesus abandonando-o ou sendo incrédulos ou negando-o. Maria, no entanto, dá uma resposta diferente: ela aceita o que Jesus disse, reconhecendo a ele e a sua missão, não determinando o que ele deve fazer, mas a palavra da mãe de Jesus sempre será: “fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5). (IWASHITA, 2011).

Maria, continua Iwashita (2011), é importante não somente por ter concebido Jesus, mas principalmente porque ela crê nele, e a sua fé desperta a fé dos discípulos em Jesus, ela os leva para o mistério do Espírito. Assim, São João destaca: “esse princípio dos sinais, Jesus o fez em Caná da Galiléia e manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele” (Jo 2,11). Não somente os discípulos creram em Jesus, mas até os seus familiares.

Maria de Nazaré, a Mãe de Jesus, que aparece no início de sua missão, segundo o relato de São João, em Caná (Jo 2,1-11), levando seus discípulos a acreditarem nele, volta de novo à cena. Dessa vez, não há sinal extraordinário. É o momento da cruz, que desafiou a fé dos discípulos. Maria, sua Mãe, está junto se seu filho Jesus, não somente como mãe sofredora, mas como discípula fiel.

Para São João, o Espírito e a Igreja nascem da cruz, provêm do glorioso corpo-vida de Jesus glorificado, a ponto de que toda a verdade de Jesus e dos seus já se exprime no calvário, testemunhado por duas pessoas, Maria e o discípulo amado, que se convertem em sinal da Igreja. Maria, a mãe física de Jesus e representante do povo israelita, é a primeira testemunha, após ter percorrido um longo caminho de provação e de esperança, de fidelidade e de busca, conduzindo os homens a Jesus, mas agora está aos pés da cruz, para cumprir aquilo que ela mesma recomendou nas bodas de Caná: “Fazei o que ele vos disser” (Jo 2,5). E Jesus, olhando para a sua mãe diz: “Mulher, eis o teu filho” (Jo 19,26).

Deste modo, podemos ler:

Ela tem de receber o discípulo amado, todos os cristãos irmãos e amigos de Jesus, como seus filhos verdadeiros. Ela já não é dona do Messias. Não gerou um filho, a fim de dedicá-lo a interesses egoístas e exclusivos. Chegando aqui, ela descobre que gerar Jesus significa aceitar seus discípulos, oferecer-lhes toda a sua experiência de caminho de esperança e realizar com eles sua jornada (PIKAZA, 1987, p. 71).

Segundo Murad (2012), nesse cenário entende-se a força do encontro de Maria com o discípulo amado ao pé da cruz: Maria é adotada como mãe pela comunidade cristã de todos os tempos. A comunidade, simbolizada pelo discípulo amado, acolhe Maria como Mãe, sua nova maternidade ou sua nova missão materna. Maria, no Espírito, acolhe o discípulo amado como filho, acolhendo assim toda a Igreja, cuja travessia atualiza Caná e a Cruz. Assim, iluminados pelo Espírito somos chamados a crer no Cristo e permanecer com Ele, transformando-nos em novas criaturas, Evangelho, vinho novo, comunidade do Ressuscitado que entende a cruz como entrega de amor e de vitória da vida sobre a morte, paradigma de salvação do milagre da nova criação em Cristo.

Aos pés da cruz Maria convida igualmente a dirigirmos o nosso olhar para o seu Filho crucificado, pois ela sabe na sua fé, de maneira antecipada, o alcance decisivo desse gesto de seu Filho. O “discípulo amado” é aqui o tipo perfeito daquele que crê, e é a ele que Jesus confia sua mãe, ao mesmo tempo ele lha entrega como mãe. A maternidade da Igreja, representada, assim, em figura no momento em que tudo “está consumado” (Jo 19,30b). O tema se encontra confirmado em outro lugar no Novo Testamento (Gl 5,26), no qual a maternidade corporal de Maria, em relação ao Filho de Deus feito carne, funda uma maternidade espiritual que é realização em plenitude da primeira, resultante de vontade formal de Jesus: “eis teu filho... eis tua mãe!” O alcance inesgotável deste simbolismo liga intimamente o mistério da Igreja ao mistério de Maria tão bem que a reflexão teológica pode esclarecê-los um pelo outro (GRELOT, 1980 apud IWASHITA, 2011, p. 105).

Depois da cena de Maria e do discípulo amado aos pés da cruz, conforme Pikaza (1987), Jesus inclina a cabeça e entrega o Espírito (*paredoken pneuma*) (Jo 19,30). O *pneuma* de Jesus não é simplesmente o seu hálito de vida humana, pois na aparente derrota de sua vida, Jesus como Senhor glorificado, oferece ao mundo o Espírito de Deus que é o seu próprio Espírito. É o Pentecostes acontecendo em contexto de calvário, de maneira que aquilo que vem depois da páscoa (Jo 20,22) é

uma ratificação oficial, em um contexto de envio missionário, da verdade que a cruz exprime no centro da vida eclesial.

7 CONCLUSÃO

Maria de Nazaré é a mulher vestida e in-vestida do Espírito, que na sua vida simples, comum concretizou o plano divino de possibilitar a encarnação do Verbo em nossa história, trazendo uma oferta de salvação a partir do profundo de nossa humanidade. Ela foi canal que comunicou a Graça encarnada embevecida desta mesma Graça, que encharcou sua existência de amor, de entrega e de comprometimento com o discipulado de seu filho.

Maria, toda de Deus e tão humana, presente no desígnio divino e atuante na comunhão dos santos será sempre modelo de Igreja e para a Igreja de como, no Espírito, gestar, apresentar e seguir o Cristo de Deus.

MARIA DE NAZARÉ: A LIFE ACCORDING TO THE SPIRIT

ABSTRACT

The present article intends to underline the relationship between the figure of Mary and the Holy Spirit, fostering a life of holiness in conformation to the same Spirit, that reveals and acts in the life of Mary as God's breath, and leads to the salvific following of her Son through the time of her pneumatophoric existence.

Keywords: Mary. Holy Spirit. Life. Follow. Service. Holiness.

REFERÊNCIAS

BALTHASAR, Hans Von. **Maria para hoje**. São Paulo: Paulus, 2016.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, L. **Fogo interior**: doador de vida e Pai dos pobres. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Ave-Maria**: O feminino e o Espírito Santo. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOFF, Lina. **Mariologia**: Interpretações para a vida e para a fé. Petrópolis: Vozes, 2007.

CONGAR, Yves. **Je crois en l'Esprit Saint**. Tome I. Paris: Ed. Du CERF, 1979.

COYLE, Kathleen. **Maria tão plena de Deus e tão nossa**. São Paulo: Paulus, 2015.

DEL GAUDIO, Daniela. **Maria de Nazaré**: Breve tratado de Mariologia. São Paulo: Paulus, 2016.

ELEIZALDE, J. L. Bastero de. **El Espíritu Santo y María**: Reflexión históricoteológica. Pamplona: EUNSA, 2010.

FORTE, Bruno. **Maria**: la Donna icona del mistero. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2005.

GRUPO DE DOMBES. **Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos santos**: na história e na Escritura – controvérsia e conversão. Tradução de José Augusto da Silva. Aparecida: Editora Santuário, 2005.

IWASHITA, Pedro K.. O Espírito Santo na vida e na missão de Maria. **Revista de Cultura teológica**. V. 19 - n. 75 - Jul/set, 2011.

MEDEIROS, João Justino. **Pneumatologia e Mariologia no horizonte latino-americano**. Juiz de Fora: Editar, 2004.

MOINGT, Joseph. **O homem que vinha de Deus**. São Paulo: Loyola, 2008.

MURAD, Afonso. **Maria toda de Deus e tão humana**. Compêndio de Mariologia. São Paulo: Paulinas/Santuário, 2012.

PIKAZA, Xabier. **La madre de Jesús**: Introducción a la mariología. Salamanca: Sígueme, 1990.

_____. **Maria e o Espírito Santo**: Notas para uma mariologia pneumatológica. São Paulo: Loyola, 1987.